

» O sujeito crítico como bússola nos mares da homogeneização.

Prof. Dr. Idemburgo Frazão Félix

Doutor em Literatura Comparada-UFRJ

Professor de Literatura Brasileira UNIGRANRIO

O que é esse “eu” que sou – pessoa, agente ou ator, eu – e que faz com que seja o que é? Duas perguntas básicas subjazem ao pensamento moderno sobre esse tópico: primeiro, o eu é algo dado ou é algo construído, e, segundo, ele deve ser concebido em termos individuais ou sociais?[1]

Tratarei aqui da problemática da identidade relacionada à questão das atuais culturas híbridas e sua relação intrínseca com o problema cognoscitivo. Portanto a discussão aqui realizada põe em diálogo as naturezas individual e grupal do sujeito. Menos que propor uma investigação exaustiva (e hercúlea) do problema da identidade de Kant a Stuart Hall[2], crio aqui uma espécie de micro-roteiro de viagem que tem como principal itinerário a relação do sujeito transcendental, com o que poderíamos denominar, sujeito pós-moderno. Por um lado, discuto as figurações da identidade em sentido particular, referente à posição do próprio intelectual como sujeito que não consegue total imparcialidade diante das questões sobre as quais se debruça ao longo de sua vida acadêmica e, por outro, percorro (de maneira ultra-sucinta) também vias inerentes ao sujeito que hoje está inserido na problemática cultural (ou, como querem muitos, pós-moderna).

Em meio à aceleração dos debates sobre a chamada mundialização, a busca da própria identidade do intelectual enquanto sujeito reflexivo toma, cada vez mais, novos rumos. A alteridade surge, nesse momento, como par constante da identidade em um momento em que as fronteiras em vários níveis têm sido rediscutidas. Mais ainda, a questão dos limites torna-se ponto polêmico. As diferenças são destacadas exatamente no momento em que as fronteiras se abrem e as contaminações (em sentido positivo e, muitas vezes negativo) tornam-se inevitáveis. Diáspora, um termo muito utilizado por Stuart Hall[3], serve, hoje, como índice representativo da problemática mundial. A posição do intelectual que reflete sobre seu próprio locus, fora de sua terra natal, como é o caso do próprio Hall, de Edward Said e de tantos outros pode nos servir como exemplo no que diz respeito ao âmbito mundial das antigas questões nacionais. As diferenças, principalmente entre Ocidente e Oriente se explicitam, pondo em questão, de forma emergencial, a problemática das diferenças em vários níveis.

Para compreender a(s) diáspora(s) nas culturas, em termos amplos (que não é o propósito do presente trabalho), entretanto, é preciso rever os elementos constitutivos da própria condição humana, no que poderíamos denominar era da mundialização, ou dos Extremos, como prefere Erich Hobsbawn.[4] A condição humana, obra fundamental de Hannah Arendt, poderia ser a base teórica para o início das pesquisas que se voltem à investigação de questões que antecedem os atuais estudos sobre as identidades híbridas da contemporaneidade, de maneira mais aprofundada. Análises voltadas para as relações sociais e suas relações com a arte, como é o caso de textos de inclinação marxista também dariam maior amplitude às reflexões aqui propostas. Mas isso demandaria um tempo maior do que o que aqui disponho para tornar viável uma discussão por si mesma polêmica e complexa. As próprias teorias têm-se tornado híbridas, fazendo surgir, na quebra dos paradigmas, discussões infundáveis que só podem ser compreendidas intrínseca e extrinsecamente através da compreensão da necessidade que o intelectual tem de trabalhar com a diferença. Derrida deve ser lembrado pela utilização desse termo por ele tornado importantíssimo nos estudos contemporâneos. Embora não se pretenda agora um aprofundamento da questão da diferença e sim mostrar que o senso crítico individual não precisa (nem deve) ser, necessariamente anulado no confronto das diferenças. Aliás, é exatamente na manutenção do diálogo entre as diferenças que se pode oxigenar as tão poluídas relações internacionais. As

hegemonias podem tornar-se totalitárias, para lembrar reflexões de Hannah Arendt, caso o rompimento das fronteiras anule tais diferenças.

Como um bricoleur, aos moldes do que expõe Claude Lévi-Strauss em *O pensamento selvagem*, o pesquisador torna-se um estudioso das articulações do sujeito em diversos ângulos, tentando juntar diversas faces do comportamento Ocidental, para, por sua vez, tentar entender, depois, certas particularidades individuais. Saber como se orienta a percepção parece então ser a primeira atitude a ser tomada. Como o sujeito percebe o mundo e como a arte se insere no pensamento humano são questões sempre importantes quando se quer demonstrar que não há incompatibilidade entre o(s) eu(s) e o(s) outro(s), se o intuito básico de todo intelectual de bom-senso é o de fazer respeitar (e muitas vezes fazer valer) os direitos humanos em sentido amplo.

Transcendental, cognoscitivo, o sujeito, de certa maneira, como se pode deduzir a partir dos estudos de Immanuel Kant em *Crítica da Razão Pura*, cria seu próprio mundo, o tempo inteiro, já que, mesmo quando o fenômeno (por si mesmo externo) se apresenta es(x)-tranho, é ele próprio que se coloca. De outra maneira, a partir das reflexões kantianas sobre a percepção humana, se pode dizer que ao pôr sobre os objetos o seu olhar, o sujeito, simultaneamente, se projeta, querendo ou não, no próprio objeto. Partindo desse entendimento, pode-se dizer que a alteridade já é, em si mesma, parte constitutiva permanente e necessária da identidade.

Se com Kant se articulam essas primeiras linhas de investigação, o embasamento relativo à afirmativa de que a alteridade é parte constitutiva da identidade a obra de Walter Benjamin, *A Tarefa do Tradutor*, embora não intente responder ao que aqui se questiona, mostra um caminho importante de raciocínio. O mero ato de ouvir, por si mesmo já constitui uma tradução. O sujeito precisa, para entender seu interlocutor, traduzir os signos proferidos, mantendo o eco da mensagem. No caso, portanto, trata de uma corriqueira (mas, no fundo, complexa) tradução. A paráfrase, seguindo essa linha de raciocínio, é, em si mesma, uma tradução preliminar e necessária à própria comunicação.

Aliando à tarefa de traduzir à idéia contida no termo utilizado por Haroldo de Campos, transcrição, pode-se partir para o entendimento de que o sujeito não traduz o outro ao pé da letra, mas, ao contrário, o recria utilizando o material cognoscitivo que, a priori, já está impregnado da concepção de mundo do sujeito. O olhar, portanto, nunca é inocente, por mais que o sujeito busque isenção. Se ao traduzir poesia, o tradutor automaticamente, se torna parceiro do poeta, como brilhantemente propõe o também poeta Haroldo de Campos, ao interpretar as palavras do outro cotidianamente, o sujeito se incorpora nele, mesmo que seja para refutá-lo. Não há como ficar isento no ato de ver (ler), traduzir o outro. Vê-se, portanto, a partir das reflexões aqui iniciadas, que identidade não combina necessariamente com pureza. Híbrida (desde os seus primórdios na relação entre o sujeito e o meio circundante), ela percorre desde o mero ato de olhar, às relações humanas mais complexas. Então, a partir desse entendimento, vê-se há interferências fundamentais que, se não determinam, como se entendia nas ciências do século XIX, influenciam nas relações humanas, que, por sua vez, interferem no individual. Onde termina o eu ou onde inicia o outro é uma questão difícil de responder, se ultrapassarmos o meros parâmetros políticos e sociais contidos nas leis. Refratárias às leis, as diferenças invadem as identidades (aqui no sentido de entidade individual), assim como essas invadem as diferenças.

Para aproximar a problemática da individualidade das questões culturais (antes, nacionais), é importante lembrar de reflexões fundamentais de Nestor Canclini. Esse intelectual, ao mostrar a multiplicidade de facetas que compõem as culturas, traz à tona a problemática da influência de uma cultura em outra(s). Dentro da paisagem pós-moderna (para usar a expressão de uma autora também muito importante nos estudos sobre a cultura na atualidade, Beatriz Sarlo), a discussão sobre a identidade passou a ser fundamental, já que no rompimento das fronteiras nacionais provocado pela mundialização, as inúmeras partículas constitutivas dos núcleos identitários mundiais foram remexidos em profundidade. A temática da pós-modernidade, assim, entra no circuito dessas reflexões. Perguntar pela identidade particular e/ou nacional, a partir desse momento, se não perdeu de todo a importância nos estudos contemporâneos, tomou novo direcionamento. Saber sobre a identidade, mais do que visar

ao reconhecimento enquanto pessoa individual, agora se transforma em uma pesquisa sobre os destinos da Cultura.

Ao invés de insistir na investigação daquilo que Jean Baudrillard denominou as maiorias silenciosas (as massas), em livro homônimo, se apresenta como proposta mais pertinente estudar a problemática do sujeito do particular para o universal, ou seja, analisando algumas células da identidade, pode-se entender melhor o mundo contemporâneo. Como se pode ver, o eu unitário, total, existencialista, monolítico, cede a vez a um eu plural, multifacetado e inclusivo, que tem no estudo da cultura sua premissa. Entretanto apenas aparentemente a intenção ontológica (da busca de entender o ser em sua totalidade) inicial se estiola. Ao contrário, é no seio mesmo das células culturais que se encontra, hoje, a possibilidade de entender as relações em vários níveis, inclusive as interpessoais.

Nas reflexões de Edward Said e Homi Bhabha encontram-se linhas de discussão que servem como orientadoras de rota. Ao estudar o Oriente, mostrando suas particularidades, Said abre caminho para investigações importantes acerca dos rompimentos das fronteiras nacionais e da problemática da homogeneização do olhar eurocêntrico. Bhabha, ao ver no lócus indícios do global, também permite que se proponha a cultura como corpus denso para o estudo das identidades nos dias atuais. Pois bem, ao reconhecer a importância do conhecimento do outro para o próprio reconhecimento enquanto pessoa e o lócus da cultura como matéria prima para o entendimento da atuação do próprio sujeito, acrescenta-se à problemática tratada na Primeira Crítica kantiana um dado fundamental. Embora não possa conhecer além do fenômeno, do dado, o sujeito percebe-se também a partir de seu reconhecimento (ou de sua diferença) no outro.

A partir do que foi exposto anteriormente, pode-se concluir que a discussão da identidade além de não ser propriamente uma novidade (pois está na base –propositadamente ou não - de qualquer análise, por mais isenta que esta tente ser) se reduplica quando se procura entender as relações individuais em meio à globalização em vários sentidos. Se a mundialização já estava presente na rota das caravelas, no Renascimento, hoje radicaliza-se cada vez mais.

O sujeito, na chamada pós-modernidade, como se tem difundido está fragmentado e se insere em um mundo onde o ecletismo é a trajetória mais comum. Entretanto, mesmo fragmentado, o sujeito não consegue, por mais que a massificação, na Era dos Excessos (usando aqui uma expressão de Jean Baudrillard) o force, a eliminar totalmente o seu próprio ego. Sem entrar no mérito freudiano, ou psicanalítico em seus sentidos mais variados, pois sairia do modesto propósito desse artigo, posso dizer que o individual, em sua relação com o grupal (ou massivo) por mais que se deixe levar pela massificação se prende a elementos peculiares. Se o sujeito pode ser manipulado, também pode (mesmo no seio de tal manipulação) perceber diferenças específicas nos efeitos da própria manipulação no indivíduo e, por extensão, na cultura.

Concluindo (ainda que parcialmente, dada a extensão do problema tratado que carece de um espaço mais amplo para ser discutido – e que não seria finalizado, por mais que houvesse esforço), pode-se dizer que o intelectual, ao estudar as vertentes do sujeito, mesmo nesse momento em que fronteiras em diversos níveis e sentidos são destruídas, não pode esquecer-se de si mesmo, de suas ânsias, de seus desejos (mesmo que perceba o quanto é difícil ser original em meio à homogeneização caracterizadora da pós-modernidade. Manter-se atento, como aspira o personagem Joseph K., de Franz Kafka, é a única atitude coerente na tentativa de se manter lúcido na hegemonia do capital e da pasteurização cotidiana das culturas. Aliás, é na manutenção do debate sobre as identidades, sob o crivo de uma crítica construtiva, que se pode auxiliar na rota de uma sociedade que, mesmo globalizada, mantenha a diferença como índice de uma eterna necessidade de renovação.

[1] CULLER, Jonathan. Teoria Literária – Uma itrodução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo, Beca Produções Culturais Ltda, 1999. p. 107. [2] Ver: HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Liv Sovik (Org.) Trad. Adelaine La Guardia Resende...[et al]. Belo Horizonte: Ed. UFMG;

Representação da UNESCO no Brasil, 2003. [3] Idem ibidem. [4] HOBSEBORN, Eric. Era dos Extremos. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.